

GALERIA REPUBLICANA

HOMENAGEM

GRANDE ESTADISTA MARQUEZ DE POMBAL NO SEU PRIMEIRO CENTENARIO

100 réis

8 de maio de 1882

100 réis

O MARQUEZ DE POMBAL

Os *blagueurs* do jornalismo monarchico, que fazem politica de arranjos e não de convicções, e que teem da democracia a noção estreita e pueril de que é uma seita de dissidentes e não um partido, que procura resolver o problema politico da organisação dos poderes pela applicação do criterio positivo, que converteu a politica n'uma verdadeira sciencia, hão de talvez achar estranho que um jornal republicano comprehenda na vasta galeria dos benemeritos da democracia o Marquez de Pombal, que o rancor jesuitico e a estupidez aristocratica inculcaram á posteridade como um despota sanguinario e cruel.

Seria facil demonstrar que, dado o meio em que o Marquez de Pombal operou e os elementos de que dispunha para o desenvolvimento da sua acção reformadora, o seu procedimento como estadista se subordina invariavelmente aos principios de toda a politica democratica, que é a applicação á resolução dos problemas sociais dos principios mais adelantados da sciencia do tempo; libertando a sociedade sobre a qual se actua das resistencias e dos estorvos, que se oppõem ao seu desenvolvimento normal no sentido do movimento geral da civilisação.

De origens plebeias, gloriosamente reveladas na riqueza do seu forte temperamento impetuoso e reformador, e erguido ás eminencias do po-

der á força de talento, de perseverança e de energia, Sebastião José de Carvalho nem tem uma hesitação, não manifesta um esmorecimento du-

cyclone, destruindo tudo o que oppunha resistencia á sua passagem.

São esses destroços com que elle juncou a sua estrada de gloria — os preconceitos religiosos e aristocraticos, que se alimentavam de sangue e de violencias — que hoje, cem annos depois, se erguem da ignominia, a que a civilisação os votou, para o accusarem de sanguinario e cruel! Tambem assim se póde chamar sanguinario e cruel ao operador que rasga as carnes a um doente para lhe extrahir do organismo o cancro que o devora.

E era precisamente esta a situação da sociedade portugueza na segunda metade do seculo xviii. Todos os seus elementos de prosperidade e de grandeza se tinham vindo dissolvendo desde os fins do seculo xvi pela corrupção repugnante de uma fidalguia insolente e degenerada e pela infecção purulenta do fanatismo religioso. O reinado de D. João v, fôra uma verdadeira orgia de fidalgos arruaceiros e brutos e de frades estúpidos e devassos. D'ahi á dissolução completa da nacionalidade portugueza ia apenas um passo, que a ambição hespanhola podia transpor de um momento para o outro. Felizmente para

nós, a doença que nos minava a existencia, amolecendo-nos todos os antigos brios e toda a antiga energia, alastrava-se por toda a peninsula como uma lepra asquerosa.

Foi n'este momento critico da nossa historia que Sebastião José de



MARQUEZ DE POMBAL

Carvalho surgiu como um anjo vingador d'entre as ruínas babilônicas do terramoto de 1755, salvando-nos pelos milagres do seu talento e pelos prodígios da sua vontade da miséria e da baixa moral em que nos precipitára a imbecilidade de uma dynastia cretinizada por todas as corrupções da estupidez feliz e por todos os desvarios do fanatismo jesuítico.

Nunca faltaram porém os calumniadores aos grandes homens, e sobretudo áquelles que, vendo no fanatismo a fórma mais perigosa da ignorancia, o atacam de frente pondo-lhe a descoberto a hediondez dos instinctos e a sordidez das intenções.

E foi essa a grande obra do Marquez de Pombal e o seu mais valioso título ao reconhecimento da historia e da democracia.

No meio de uma sociedade verminada de frades e devorada pela fidalguia, o Marquez de Pombal, inteiramente desamparado dos auxilios da opinião e tendo apenas peles seu lado a imbecilidade de uma realza, que elle conseguiu annullar pelo terror, ousou elle só desafiar o jesuitismo para um duello de morto e esmagal-o debaixo dos seus fortes joelhos de atleta!

Depois porém que o raio da morte o fulminou, como a um Prometheu antigo, a hydra, que elle julgou ter amigulado, multiplicou as suas cem cabeças e enleou-o ao pelourinho da ignominia infamando-lhe a memoria.

Essa lucta, que hoje mesmo seria temeraria, era n'aquelle tempo, no Portugal de D. João III, e de D. João V, quasi uma loucura. Ha porém na historia d'estes loucos sublimes, que, feridos pela inspiração da justiça, teem a vesania do bem.

Mas são esses que deixam na terra um rasto de luz, ao passo que os prudentes e os ordeiros, aquelles que medem a pequenez dos seus passos pela estreiteza das suas ambições egoistas, apenas deixam um rasto de sombra, quando não deixam um rasto de sangue.

A grande e energica figura do Marquez de Pombal desenha-se na escuridão espessa da sociedade portugueza do seculo XVIII com o estranho fulgor de uma apparição biblica. Parece emergir das profundidades luminosas do seculo XV, em que Portugal produzia homens dignos de serem cantados por Camões, um dos maiores poetas da humanidade. Pertence áquella mesma raça de heroes, que, abrindo ao mundo o caminho ignorado dos mares, foram ao oriente descobrir o berço da nossa raça, atando o fio interrompido da civilização universal, e ao occidente arran-

car do fundo do oceano a perola escondida das Americas, que devia engastar-se como uma joia de preço no diadema da democracia, e completar n'uma derradeira explosão de gloria o immenso estádio das migrações aryanas.

A consagração definitiva da memoria d'este grande espirito por uma apothecose civica é pois um acto de justiça e uma obra de patriotismo; e é tãobem um protesto solemne e oportuno contra as baixezas da politica portugueza contemporanea, que, divorciada totalmente da corrente da opinião nacional e vivendo apenas dos pequenos expedientes ignobéis da falsificação do voto, está deixando destruir pelo ultramontanismo catholico o seu mais prestante auxiliar n'essa sophismação do suffragio — a maior obra do Marquez de Pombal: a emancipação do espirito portuguez das influencias deleterias do jesuitismo. Este, protestando contra a consagração civica do maior estadista que Portugal tem produzido, demonstra que existe aqui á sombra de uma tolerancia criminosa e que se não illude com os altos intuitos d'essa consagração.

Opponhamos pois protesto a protesto, o protesto da civilização ludibriada pela inercia conscientemente liberticida dos governos, ao protesto dos que procuram, pela corrupção systematica dos espiritos e pela dissolução calculada dos caracteres, reverter o Portugal livre do seculo XIX ao Portugal beato e miseravel do seculo XVII.

Entre nós e elles não ha espaço para um campo neutro, por que não ha conciliação possivel entre a liberdade e o despotismo, entre a verdade e o erro.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

O MARQUEZ E OS JESUITAS

SONETO NOVO

Elle foi grande em tudo... A «treva» jesuitismo
Investira com elle a disputar-lhe a luz;
Porém, o grande direito em mãos d'heretico
Alçou a mão de ferro, em nome de Jesus!

Pousou-a sobre a Lybra e então, com o despotismo
Do seu tempo, bradou: «Gente do Mal, hecêdas,
Nunca mais te erguerás! E abrindo um largo abismo
Arremessou-lhe á face as negras centopéias!

Estorceu-se, raivoso, aquelle aberto informe
Na lama do extorcedor, a que o votára a sorte,
Tentando erguer-se ainda ante o gigante enorme!

Mas o ativo marquez, da ira no transporte,
De novo lhe bradou: — «A «Companhia», dorme
O sono derradeiro... e o sono é trazo da morte.»

Abril — 1882.

ROBERTO VALENÇA.

SEBASTIÃO JOSÉ DE CARVALHO

O Politico excoelso, a enjo n'ecmo
Vinhão, p'chens de fulgidos thesoiros,
Altercosos Baixels arfar no Tejo
E a rissonha abundancia d'adivosa
Da fausta Lusitana enchia os lares.
BOGAGE.

A nova geração que levanta a fronte aureolada pelos esplendores da liberdade, que olha para o futuro e n'elle divisa um horizonte vasto e brilhante, procura hoje no grande livro da Historia, aquelles heroes a quem os povos devem os mais assignalados serviços, e vae com o facho da justiça saudal-os e engrandecel-os.

Cada nação buscar com legitimo orgulho collocar no pantheon da gloria os seus grandes genios, os homens extraordinarios que foram o seu asombro e desvanecimento: poetas, historiadores, politicos, navegadores audases, philosophos e os grandes genios da sciencia.

A França sauda Voltaire, a Italia o seu Dante, a Allemanha o seu Goethe, a Hespanha o seu Calderon, Portugal o seu Luiz de Camões, e hoje o vulto mais colossal e mais audaz — Sebastião José de Carvalho.

Mas quem é este homem?

Não foi poeta, não foi historiador, não foi philosopho, e contudo o seu nome não esqueceu no periodo de cem annos!

Naseemos a ouvir fallar n'elle como se fóra um gigante, terrivel, grande, austero, sublime!

Que fez? Elevou Portugal a uma nação de primeira ordem, dominou os horrores d'esse infame tribunal chamado por escarneo a Santa Inquisição; organizou o exercito, deu um poderoso impulso ás nossas colonias, animou e protejeu a agricultura, reformou os estudos da Universidade; levanta escolas e academias, quebra no reino as cadeias da escravidão, reforma a justiça, expulsou os Jesuitas de Portugal, levantou uma cidade sobre as ruinas d'um terramoto, tornou o nome de Portugal respeitado e temido. Abateu o orgulho da nobresa, lançou as bases d'uma grande revolução social. Tudo isto fez aquelle immenso e admiravel genio, que a Nação hoje saúda como um protesto eloquente á sua memoria.

Foi cruel na sua justiça?

Mas colloquemos os homens na sua epocha, no meio em que viveram, na sociedade que tinham de frente a contrariar-lhes as aspirações e só d'este modo os poderemos devidamente apreciar.

Foi um grande genio; os erros que lhe possam apontar em nada diminuem o seu vulto collossal. Tambem o sol tem manchas, e entretanto o

explendor dos seus raios fecundam e maravilham.

Camões levanta ainda hoje o espirito nacional com o seu immortal poema; a memoria do grande estadista portuguez faz nos empunhar as armas da liberdade contra os descendentes de Loyola, os inimigos da luz, que fundam o seu imperio na ignorancia e miseria do povo.

Saídam pois, hoje o heroe que levantou a Patria ao apogeo da gloria não é somente justiça, é mais ainda, é gratidão.

COSTA GOODOLPHIM.

AOS DISCIPULOS DE LOYOLA

Curvae-vos, multitudes ainda não proscriptas,
flagello que surge da funda escuridade,
ó monstros que tolheis o passo á Humanidade,
da qual ha muito sois os grandes parasitas!

Curvae-vos! Vinde ouvir fumenssas, influitas
as maldições que um povo, á luz da Liberdade,
vos arrochassa, a vós, orgãos da maldade,
ó rapças de chiacas, ó negros jesuitas!

Assasinas do Bem, á vós que da Sciencia
tivestes a'outra edade o sauto monopolio,
ó carrascos cruels da humana consciencia,

vinde ver levantar da gloria no alto sollo
Pombal, que foi castigo á hyocrita Insoleucia
e encheu-vos de terror no vosso Capitullo!

RICARDO CARDOSO.

O MARQUEZ DE POMBAL

O nome do Marquez de Pombal figura entre os grandes typos da historia portugueza e entre os primeiros estadistas da Europa do seculo XVIII; a sua acção foi atacada e exaltada pelas diversas opiniões do seu tempo, e é preciso que ao cabo de um seculo, em que as paixões se extinguiram e em que o que ha de definitivo nas reformas pode ser apreciado, a historia pronuncie a sua sentença sobre o logar que compete a este homem no pantheon humano. Definir a missão de Pombal é a primeira condição para julgar-o com segurança; na transformação da sociedade europeia, cujos reis derivavam dos chefes guerreiros da Edad Media, e le representa uma *abdicação* espontanea e irremediavel do poder real, e o advento effectivo d'esse poder novo, o *poder ministerial*, ainda hoje fillo da confiança, mas segundo o futuro da democracia, consequencia da maior competencia reconhecida pelo suffragio. A situação de Pombal para com Dom José é a mesma de Choiseul para com Luiz XV, de Aranda para com Carlos III, a audacia e o talento exercendo-se á sombra do prestigio real, cuja tradiçào coincidia com a imbecillidade e com a dissolução.

O Marquez de Pombal, é facto que exerceu toda a sua actividade para engrandecer o poder absoluto do rei, mas n'esta iniciativa propria tornou na historia subalterna a pessoa de Dom José I, reyestiu-o de uma soberania theatral, que moveu a seu modo, fez d'elle o pesado idolo de Jagrenat, com que se impoz ao respeito da multidão e com que esmagou a nobreza na sua passagem. N'esta obra obedeceu á corrente das ideias do seu tempo; o Marquez conheceu o movimento philosophico dos Encyclopedistas, e a sua Permanencia em Inglaterra e na cõrte de Austria, orientaram-no nas doutrinas secularisadoras, que eram então anti-clericaes, mas essencialmente regalatas, e essas theorias economicas, que eram ainda para elle as dos physiocratas.

Pouco depois da morte de Dom João V regressou a Portugal; elle então conheceu todos os vicios da administração portugueza, que ignorava os meios de fomentar a riqueza publica, dispendendo-se em desvariões as capitaes que vendiam as minas de diamantes do Brazil. Conhecia que o commercio do Brazil era exclusivamente feito por negociantes inglezes; conhecia a perfidia da Inglaterra pelos terribes effectos do tratado de Methven, que matou as industrias portuguezas em troca do favor illusorio aos nossos vinhos, e como Portugal fora abandonado pela Inglaterra na paz de Utrecht. O Marquez de Pombal inspirou-se nas suas primeiras reformas, d'esta aversão natural contra esta nação que se tornou a primeira potencia colonial á nossa custa. N'um seculo em que Montesquieu chamara a attenção sobre as instituições politicas da Inglaterra, em que Voltaire secundara esse interesse critico, só o entranhado odio de Pombal é que o faria desviar a attenção d'essas fórmas politicas, que um seculo mais tarde serviram de forma transitoria do despotismo caduco parã a liberdade nascente.

Assim empregou uma violencia bruta para reintegrar a realcaza na prerogativa de todas as parcelas de poder uzadas pela aristocracia e pelo clericalismo, e por uma via não prescripta contribuiu para a futura expansão de constitucionalismo em Portugal. Sem planos politicos, por que era regalista ferrenho, lançou-se nas reformas economicas, e tratou de conhecer pela historia e pela critica a acção de Aully, a quem se comparava, na sua ruina, de Richelieu cujo systema de governação pelo terror chegou a exceder, de Colbert, cuja doutrina proteccionista dos monopolios poz em pratica quando ella já

estava desacreditada na Europa e de Louvois, regularizando a grande receita dos impostos pela sua exacta arrecadação. Toda a vida politica de este homem se move n'estes dois pólos: na parte *politica*, o engrandecimento do prestigio do rei, com que assegurava o seu proprio valimento pelo favoritismo de monarchia, empregado contra a aristocracia que o julgava burguez; na parte *administrativa*, creava partido pela concessão de monopolios aos ricos capitalistas, e atacava os Jesuitas, cujo poder se apoiava nas grandes feitorias commerciaes que possuíam na America. A grande calamidade do terremoto de 1755 tornou menos necessaria a sua capacidade politica, mas deu-lhe o maximo relevo á sua actividade administrativa, terrivel é verdade, mas sem a dissolvente corrupção do actual centralismo. A prohibição do ensino aos Jesuitas levou-o a fundar o Collegio dos Nobres, a reformar a Universidade de Coimbra e a crear escholas para o povo, e a sua expulsão produzia um phenomeno simultaneo na Hespanha, França e Italia. Foi então que o geral dos Jesuitas, proclamou a celebre divisa da intransigencia da Companhia: *Sicut ut sunt aut non sint*. Elles são ainda hoje os mesmos, os inimigos systematicos da sociedade civil; que se conservem comtanto que a humanidade retroceda. Com a morte de Dom José, victima dos seus costumes dissolutos, acabou o governo do marquez de Pombal, mandado processar por D. Maria I, e perdoado por um decreto de 16 de agosto de 1781 das penas infamantes em que o deram por incurso. Foi assim que a realcaza pagou ao ministro que lhe deu mais lustre; é geito ve'ho dos Braganças, para com Camões, para com Castello Melhor, Pombal, Monsinho da Silveira. Ao fim de um seculo, a nação portugueza, pela iniciativa dos novos, mostra pelo menos que não é esquecida.

THEOPHILO BRAGA.

A celebração do tri-centenario de Camões foi o inicio de uma era nova para o nosso paiz. Tudo o que o passado nos legára de tradições, de forças vivas em que a existencia progressiva de Portugal tinha a sua razão de ser, fôra abafado pelo regimen centralista dos Braganças. Cortárase, quebrára-se o fio da nossa vida historica, da nossa evolução natural. Não seguimos a via do progresso em que esta nacionalidade devia caminhar. Durante tres seculos estive-

mos desviados do movimento civilizador que as condições da nossa raça, do nosso meio e do nosso passado alimentavam. Parámos, ou antes, andámos por uma estrada que não podia ser a nossa, de onde resultou que perdemos, inutilisámos as nossas forças. A celebração do tri-centenario de Camões, o vulto historico, que melhor symbolisa as nossas tradições de povo civilizado, marcou o termo do nosso erro, separou o obscurantismo de tres seculos da nossa evolução e levou-nos a heber na fonte do nosso progresso historico os principios de reconstrução d'esta nacionalidade. Affirmámos, á face do mundo, que tinhamos elementos da vida nacional e que em que nos evocavámos para entrar n'aquelle caminho civilizador em que tão alto deixámos consignadas as nobres e heroicas qualidades da nossa raça.

Passados dois annos, solemnisamos o centenario do marquez de Pombal. E' uma nova affirmação da nossa vitalidade nacional, e além d'isso é caracteristicamente um protesto consciente e vigoroso contra uma das causas da nossa decadencia — o jesuitismo, que foi o agente mais poderoso do nosso desvio historico.

São por isso consoladoras estas festas civicas.

Reconhecimento dos nossos erros, ellas são a demonstração de que ainda o povo portuguez possui aquellas grandes qualidades que outrora o ennobreceram. Protesto significativo de que abominamos o espirito de trevas em que os jesuitas nos envolveram durante tantos seculos, ellas mostram ao mundo que este pequeno povo do occidente tem hoje a comprehensão dos seus destinos e vae realisando os.

E é porque a celebração dos centenarios de Camões e do marquez de Pombal tem essa imponente significação, que a realisa e o jesuitismo, alliados no passado para nos roubar a liberdade e esconder a luz, se aliam agora para embarçar as manifestações civicas que os condemnam e affirmam os direitos do povo á reivindicação da liberdade e da emancipação moral.

SILVA GRAÇA.

CARACTERES POLITICOS

Arrête, tu navigues en vain; —
devant toi l'Infini!

(L. BUCHNER.)

Eis os traços mais caracteristicos que hoje se offerecem á nossa contemplação.

D'uma parte, vemos os Livres-pensadores, e a mocidade estudiosa, agitarem-se em frêmitos de enthusiasmo, á memoria do Gen'o, que fez tremer a Europa, nos seus alicerces!...

Da outra, os sybaritas vociferam, e os roupetas negras condemnam ao esquecimento o magistrado justiciero, que lhes perturbou o somno delicioso, expulsando-os do territorio, aonde haviam edificado os seus antros, e lupanares!...

Como harmonisar tão diferentes caracteres?

Perfeitamente: se n'isto como em tudo mais, nos guiarmos pelas Leis da Sciencia.

Prestemos-lhe attenção: — A natureza constitue os organismos, segundo — os mundos, — e segundo — as edades — Torna solidarias todas as produções; e força alguma, por mais poderosa que seja, pode obstar á manifestação da sua potencia.

Ora, n'este amplo ambiente, do nosso Portugal, os elementos que estão em actividade, são os que devem reagir sobre os organismos, causando-lhes impressões e sensações, conforme as idéas, e os desejos de cada individualidade.

Assim o Livre-pensador, e a juventude esperancosa, prestam homenagem ao grandioso vulto do Marquez de Pombal, porque o seu coração nobre e generoso recebe a influencia da auri-flamma da Liberdade!...

O clero e os fanaticos, depravados pelo pacto que formaram com as theorias metaphisicas, aceitam o arbitrio, e dominados por falsas idéas julgam-se, — os arbitrarios —!...

E' ainda á Sciencia que vou pedir authorisação para em nome d'el'a affirmar:

Todo o sêr rachitico, velho, ou cretino, está condemnado á destruição. Inversamente — A selecção natural opera transformações adequadas ás novas condições de existencia.

Portanto, o que existe ha dezenove seculos, e mesmo o que vigora ha cincoenta annos, ha-de irresistivelmente desaparecer, para dar lugar á Nova-Idéa, que apenas começa a fazer-nos ouvir os vagidos da Liberdade! palavra, que eu por entre as longinquas sombras do passado me atrevo a soletrar na fria lousa, que encerra os restos mortaes, do illustre cidadão, Sebastião José de Carvalho e Mello!...

Honremos portanto a sua memoria, e para enthusiasmicamente o fazermos, é bastante o lembrarmos-nos de que foi elle o primeiro, a abater o orgulho dos inimigos da Luz!.....

MARIA LUIZA CALDAS

HOMENAGEM

A Galeria Republicana orgulha-se muito em poder hoje prestar uma justissima homenagem ao insigne estadista Sebastião José de Carvalho e Mello.

Dois foram, principalmente, os motivos, que levaram o partido republicano a associar-se a este centenario. Em primeiro lugar o marquez de Pombal foi o secularizador do ensino; e o ensino constitue para nós outros, os republicanos, o primeiro artigo do nosso programma. Em segundo lugar, Pombal recommenda-se á nossa admiração e ao nosso enthusiasmo pelo modo firme e energico, porque soube repellar para longe do paiz os abutres do jesuitismo — apóstolos do mal, mineiros do vicio e do retrocesso.

Eram alguns de opinião de que os republicanos deviam ser indifferentes a este centenario. E' um erro o supôr-se tal. Os republicanos não hão de rasgar a historia patria. Antes, ao contrario, por ella terão de modelar a sua grande obra de regeneração. Demais, estes festejos são da nação, não pertencem a este ou áquelle grupo, a este ou áquelle partido. Dupla razão essa para tomarmos uma parte activa no centenario, — justamente, porque nos orgulhamos de representar o partido nacional por excellencia.

Pombal teve o seu lado obscuro. Que importa? Em compensação a luz, que dimanou das suas grandes reformas, é tamanha e tão intensa, que dissipa completamente qualquer mancha, que, porventura, algum exagero, uma ou outra crueldade, podesse acarretar lhe á sua missão eminentemente patriótica.

Por isso se nos affigura que Pombal, symbolisando a patria, tem mais que nenhum outro jus aos nossos respeitoos e aos nossos applausos.

Pombal secularizou o ensino, reedificou a cidade de Lisboa, expulsou os jesuitas. Que mais querem?

E' essas suas reformas fora-n tanto mais para admirar quanto é certo que hoje, graças aos governos que nos regem, a cidade está infestada de typhos e de jesuitas e os professores de instrucção primaria morrem á fome, não já pela exiguidade do ordenado, mas porque nem esse lhe pagam.

Ora comparem esta epoca com a de Pombal; confrontem os estadistas actuaes com Pombal que muitos appellidam de barbaro e de cruel, e digam-nos depois se não temos razão para nos orgulharmos com a celebração do seu centenario?

SILVIO.

Typ.—RUA DOS CALAFATES 93